



Filiada à International Psychoanalytical Association

ANO 15 • JANEIRO 2016 • Nº 28

PORTO ALEGRE • RS • BRASIL

Palavra da Presidente

P.02

Editorial

P.03

Atividades Científicas

P.04 e 05

Psicanálise e Cultura

P.08

Parceria SPPA/Smed

P.09

SPPA/Projeto Pescar

P.09

Revista de Psicanálise

P.10

Centro de Atendimento Psicanalítico

P.10

Encerramento das atividades 2015

P.10

Associação de Candidatos

P.11

Infância e Adolescência

P.11

Relações com a comunidade

P.12



DIGNIDADE & HUMANIZAÇÃO

PÁGINA CENTRAL: Entrevista com Eliane Brum



Anette Blaya Luz*

Dignidade e Humanização

Escrevo esse texto mergulhada em algumas sensações estranhas. Digo estranhas por serem aparentemente opostas. Explico-me: essas são as últimas palavras que escrevo como Presidente da SPPA. Esse fato traz um misto de alegria, pela missão cumprida, e de nostalgia, pelo luto embutido em qualquer situação de término. O tema-título deste jornal, "Dignidade e Humanização", provoca ainda outra gama de sensações esquisitas: como falar de dignidade sem falar de humanização? Ou o contrário, como falar de humanização sem incluir, obrigatoriamente, o conceito de dignidade. São questões muito atuais, não só no cenário psicanalítico, mas também na política e sociedade onde a psicanálise está imersa.

Não penso que seja possível a dignidade humana sem o processo de humanização que começa já no colo e peito maternos. Ao mesmo tempo, a humanização de qualquer ser humano exige que o cuidador daquele recém-nascido tenha condutas éticas, e, portanto, dignas, para que o processo "humanizatório" possa se desenvolver dentro da normalidade. Sendo assim, proponho que se fale destes dois conceitos, dignidade e humanização, de forma correlata. Integrei os dois conceitos num só: a dignidade humana. Ao fazer isso fui levada imediatamente a Immanuel Kant, um dos primeiros filósofos da era moderna a estudar esse assunto em profundidade e com seriedade.

O conceito de dignidade humana é enfocado por Immanuel Kant na obra "Fundamentação da Metafísica dos Costumes". A questão fundamental que o filósofo propõe é: como devo agir para que a minha ação seja boa? Nesta temática, Kant é mais conhecido pela teoria sobre uma obrigação moral única e geral, o imperativo categórico, que explica todas as outras obrigações morais que temos. Este é apresentado nas seguintes formas:

"Age somente em concordância com aquela máxima através da qual tu possas ao mesmo tempo querer que ela venha a se tornar uma lei universal", ou, "Age de tal maneira que uses a humanidade, quer na tua pessoa como de qualquer outra, sempre ao mesmo tempo como fim, nunca meramente como meio", ou ainda, "Age por forma a que possamos pensar de nós próprios como leis universais legislativas através das nossas máximas. Podemos pensar em nós como tais legisladores autônomos apenas se seguirmos as nossas próprias leis".

Muito simplificada podemos dizer que Kant teoriza referindo-se à conceituação da ação boa à boa vontade, bem como a ação da razão pura sobre a decisão da ação. Tudo isso dentro dos limites do que ele chamou de o estabelecimento de uma lei universal que garanta a boa ação e sua finalidade. Enfatiza ainda que o dever seria o único motivo racional que conduz o indivíduo a agir de acordo com a lei universal e assim realizar uma boa ação. Uma ação ética e moralmente adequada.

Mas para além da ideia do homem como um fim em si mesmo, Kant destaca um segundo componente fundamental para a dignidade humana, qual seja, a autonomia da vontade. Assim, o ser humano, por ser dotado de razão, é simultaneamente um fim em si mesmo e dotado de vontade autônoma.

Podemos aqui buscar um ponto de intersecção com a Psicanálise. Diz Bion que a mentira precisa de pensador enquanto a verdade existe por si só. Podemos encontrar correlatos nestes contextos caracterizados pela verdade e pela boa ação. São independentes de pensadores e, portanto, são universais.

Mas tanto Kant quanto Bion preocuparam-se com as ações que não são de boa vontade e sim de vontade ruim, ou seja, falsas e mentirosas. Para Kant a motivação egoísta da ação seria o marcador formal daquilo que não seria uma simples ação boa.

"Quero por amor humano conceder que ainda a maior parte das nossas ações são conformes ao dever; mas se examinarmos mais de perto as suas aspirações e esforços, toparemos por toda a parte o querido Eu que sempre sobressai, e é nele, e não no severo mandamento do dever que muitas vezes exigiria a auto-renúncia, que a sua intenção se apóia".

Mais uma vez fica nítida a interação harmônica com escritos de Bion. Percebe-se no filósofo uma crítica precisa acerca da natureza do homem. A vontade que move o ser humano para a ação, mesmo que disfarçada em bons propósitos, acaba invariavelmente buscando finalidades segundo as preferências individuais. Assim, normalmente o que se encontra é a ação egoísta, desvinculada de uma ação guiada por uma boa vontade. Ou ainda disfarçada em boa ação, aquilo que nos textos de Psicanálise encontramos sob o título de perversões.

Através das teorias de vários autores podemos mais uma vez encontrar o link entre a condição kantiana de dignidade humana e a saúde mental. Priorizando os escritos de Winnicott, podemos entender que, para que possamos ser dignamente humanos, dependemos de alguém que com seu amor e disponibilidade possa nos receber nesta vida, de uma forma tal que nos permita deixar a condição de um mamífero comum para que seja possível nos tornar um ser capaz de simbolização e, portanto, pensamento e razão. Esse começo de vida também contribui, juntamente com toda a educação e amor recebidos ao longo da infância, para que possamos nos tornar seres morais e éticos. Só desta forma poderemos ser dignos e humanos.

Com estas palavras me despeço como Presidente da SPPA e espero ter podido, juntamente com toda diretoria deste biênio 2014-2015, conduzir nossa instituição de forma digna da importância que desfruta no meio psicanalítico nacional e internacional.

Abraço a todos com os votos de um excelente mandato para os colegas que nos seguirão na direção da SPPA.

* Presidente da SPPA

Expediente

PRESIDENTE

Anette Blaya Luz

DIRETORA ADMINISTRATIVA

Regina Pereira Klarmann

DIRETOR FINANCEIRO

Emílio Salle

DIRETORA CIENTÍFICA

Maria Elisabeth Cimenti

DIRETOR DE PUBLICAÇÕES

Ivan Sérgio Cunha Fetter

DIRETORA DE DIVULGAÇÃO

Maria Cristina Garcia Vasconcelos

DIRETORA DO NÚCLEO DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

Maria Lucrécia Zavaschi

DIRETORA DO INSTITUTO

Viviane Sprinz Mondrzak

COMISSÃO EDITORIAL

Paulo Berél Sukiennik (Coordenador)

Eneida Maria Fleck Suarez

Eliane Goldstein

Maria da Graça Motta

Nyvia Oliveira Sousa

JORNAL DA SPPA

Tiragem: 3.000 exemplares

Fotos utilizadas: Arquivo/SPPA

EDIÇÃO E REDAÇÃO

Ana Klein (DRT/RS 8741) - Vera Nunes (DRT/RS 6198)

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO

Clemente Design

SOCIEDADE
PSICANALÍTICA
DE PORTO ALEGRE



FUNDADA EM 1963

Filiada à International Psychoanalytical Association

SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE (SPPA)

Rua Gen. Andrade Neves, 14/802

Porto Alegre/RS - 90010-210

(51) 3224-3340

www.sppa.org.br | comunicacao@sppa.org.br

“O que mais o humano aspira é tornar-se humano”
 Clarice Lispector

As questões levantadas na página central, de forma tão pertinente e sensível, nas palavras da nossa convidada, Eliane Brum, vêm ao encontro da linha editorial adotada por nosso Jornal, ou seja, a de promover um franco debate e troca de ideias com profissionais destacados de outras áreas humanas, com o objetivo de integrar, cada vez mais, psicanálise e sociedade.

Essa via de mão dupla iniciou-se com Freud que sempre valorizou a sensibilidade criativa de escritores e artistas na sua percepção dos movimentos inconscientes do ser humano. Embora sejamos ambos, psicanalistas e escritores, observadores do humano, cabe ao escritor, pela sensibilidade e habilidade com as palavras, expressar com sabedoria as mazelas do ser humano e sua relação com os outros, em uma dimensão de tempo e espaço. Nós psicanalistas, através da nossa tarefa diária, comungamos com eles o olhar crítico e sem negociações em relação à tessitura da sociedade que constituímos e na qual estamos inseridos.

Como destaca Eliane Brum, vivemos na época em que a mente não dá conta das infinitas informações que inundam o nosso dia-a-dia. Existe um processo de alienação em marcha. Atinge as classes pobres pela ausência de recursos para a mente se desenvolver. Um rap de Gabriel, o Pensador sinaliza bem esse aspecto:

*...Eu queria morar numa favela,
 O meu sonho é morar numa favela.
 Eu me chamo de excluído como alguém me chamou,
 Mas pode me chamar do que quiser seu dotô,
 Eu não tenho nome,
 Eu não tenho identidade,
 Eu não tenho nem certeza se eu sou gente de verdade,
 Eu não tenho nada...*

Por outro lado, as classes privilegiadas, com uma mente aparentemente desenvolvida, também sofrem dessa alienação, pelo consumismo desenfreado e a conseqüente superficialidade.

Para nós, psicanalistas, o sentido da vida se encontra nas relações verdadeiras, nos investimentos afetivos. É a falta disso que adoce

as pessoas, porque não existe alimento melhor para a mente do que a verdade. A nossa convidada chama de “ato de resistência” a reapropriação do tempo. Há aqui mais uma afinidade com a psicanálise, pois esse sempre foi e sempre será o nosso objetivo primordial, ajudar os nossos analisando a desenvolver uma mente que transite nas várias dimensões temporais – passado, presente e futuro –, gerando um sentido de identidade. Nosso ato de resistência ocorre, portanto, através da convivência profissional, do estudo e da criatividade produzida neste encontro, que resultará em benefício à psicanálise e também a quem dela dispuser.

Existem pontos comuns nas várias áreas humanas nos quais a psicanálise se encaixa perfeitamente. O texto de Eliane Brum destaca essas questões: o colocar-se no lugar do outro, ou seja, poder lidar com a alteridade; a medicalização da vida para evitar o mal-estar, muitas vezes necessário para o desenvolvimento mental; além de outro aporte interessante para pensar: lidamos com “pacientes”, ou poderíamos chamá-los simplesmente de “analisandos”?

Observamos na sociedade moderna mudanças profundas no indivíduo no que diz respeito a ser uma pessoa, assim como transformações radicais nos conceitos de tempo e espaço, com uma tendência à coisificação do humano. Ocorre uma inversão de valores com perda da identidade existencial, reduzindo-os ao consumo, ao lucro, ao que é moda, à banalização da vida. Com isso, perde-se o sentido de subjetividade.

Vivemos em tempos difíceis e urge discutirmos e refletirmos sobre esse processo e sobre a necessidade de resgatar a dignidade do homem. Acreditamos que o tornar-se humano começa

com a busca pela verdade, mas a ausência da verdade, em vários discursos divulgados pela mídia, derrama-se sobre nós cotidianamente. Os discursos políticos e os credos estão, no Brasil e no mundo, afinados com a perversão, a maldade, a mentira, a arrogância e as falhas de caráter. Muitas vezes, nossa sensação frente ao mundo é o de uma criança perplexa: Je suis une Enfant!

Contudo, não podemos nos furtar, nesse momento tão complexo, de utilizar o pensamento psicanalítico, não para efetuar interpretações ou tratamentos, mas para refletir sobre o mundo. Como psicanalistas, buscamos ir na contracorrente do que podemos definir como mente empobrecida, pois o tempo e a experiência precisam ser “vivididos”, “sentidos”, “apalpados”, conforme salienta a entrevistada. A busca pela verdade, pela paz interna e externa, pela dignidade, pelo humano no humano é objetivo da psicanálise desde sempre.

Nesta caminhada como Comissão Editorial, muitas vezes correndo contra o tempo, tivemos o privilégio de conviver com pessoas com quem exercitamos a arte de escutar e ser escutado, estimulando este fascinante processo de humanização que é o de transformar as infinitas concepções de que somos dotados em pensamento criativo. Aos leitores, o nosso muito obrigado.



Ivan Fetter
 Diretor de Publicações



Eneida Suarez
 Comissão Editorial



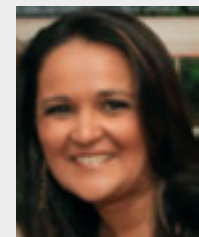
Eliane Goldstein
 Comissão Editorial



Paulo Berél Sukiennik
 Editor do Jornal



Maria da Graça Motta
 Comissão Editorial



Nyvia Sousa
 Comissão Editorial

Giuseppe Civitaresse na SPPA

Nos dias 20, 21 e 22 de agosto, a SPPA teve a honra de receber a visita de Giuseppe Civitaresse, psiquiatra e psicanalista, Membro Didata da Sociedade Psicanalítica Italiana e Diretor da Rivista di Psicoanalisi.

Além da realização de três conferências, onde apresentou sua interpretação pessoal e sensível a respeito da obra de Bion, também nos permitiu conhecer de que forma ele traduz para o campo analítico esta compreensão, através da discussão de dois casos clínicos.

Na primeira conferência “O Inconsciente e a expansão do campo analítico” Civitaresse destaca dois pilares de sua concepção de inconsciente - as ideias de Bion do pensamento onírico de vigília e sua visão radicalmente social do nascimento do sujeito. Enriquece esses postulados bionianos complementando com as contribuições de Grotstein, Ogden e Ferro, entre outros. Apresenta um modelo de consciente/inconsciente situado num contínuo, tal qual as duas superfícies da Fita de Moebius, que se fundem uma na outra. Daí surge o principal questionamento do colega Juarez Guedes Cruz, convidado a comentar esta conferência de abertura. A partir da ideia de um inconsciente dentro do consciente, questiona acerca das consequências na técnica, frente à possibilidade de ouvirmos o que o paciente nos conta como um sonho que ele teve ou está tendo na sessão. Indaga sobre qual a importância da realidade factual daquilo que o paciente relata para a formulação de uma interpretação? Outro vértice estimulado pela riqueza

do pensamento de Civitaresse e apontado por Cruz foi sobre a dupla natureza do conflito estético, a da beleza e a da transitoriedade; uma nos desperta a curiosidade e outra nos constrange. Salienta que esse acréscimo ao conceito de conflito estético de Meltzer nos auxilia a distinguir, por exemplo, a reação terapêutica negativa da simples resistência.

A segunda conferência teve como tema “O Inconsciente inacessível e a Rêverie como um caminho para a figurabilidade”, onde Civitaresse enfoca a importância de acessar e analisar estados primitivos da mente, zonas não mentalizadas ou falhas simbólicas. Para ilustrar suas ideias descreve uma paciente com funcionamento mental onde predominam defesas autísticas que visam um estado desmentalizado. Para comentar esta conferência foi convidado o colega Ruggero Levy que reinterou a importância da sensibilidade do analista, a capacidade de deixar-se usar e, a partir de sua rêverie, transformar a negatividade em imagens e pensamentos, para conter o colapso. Sublinha a necessidade de cuidado para não exceder a capacidade do paciente de continência. Levy levantou questões importantes como a utilização por Civitaresse do conceito de desmantelamento de Meltzer, trazendo sua sugestão quanto à possibilidade de compreender a paciente referida utilizando outro conceito como o de transformações autísticas de Célia Fix Korbivcher.

Este produtivo encontro com Civitaresse nos brindou ainda com a apresentação de sua conferência sobre “Cesura como o discurso



“Consciente e inconsciente são dois vértices de observação de um único e mesmo fenômeno mental”.

Civitaresse

do método de Bion” que nos permitiu refletir sobre as contribuições de Bion, especialmente aquelas que abrangem a fase conhecida como “late Bion” do período após as Transformações. Nosso colega Raul Hartke, comentador convidado, tornou ainda mais rico este momento estimulando o debate ao indagar sobre as equivalências do método de Bion exposto em “Caesura” com o método positivista de Descartes apresentado em seu “Discurso do Método”. Pergunta Hartke se o estado “sem memória, desejo, entendimento e percepção” seria compatível com a dúvida sistemática, a necessidade de ideias claras e a meta de alcançar certezas cientificamente demonstráveis propostas por Descartes.

A visita de Giuseppe Civitaresse à SPPA caracterizou-se por oportunizar um debate fecundo, com participação significativa da platéia, fazendo jus a sua postura comprometida com o desenvolvimento da pensabilidade e sua convicção na importância da promoção dos processos simbólicos.



Primeiro Simpósio de Metapsicologia

A atividade foi repleta de significados, instigadora de acaloradas discussões

Nos dias 17 e 18 de setembro realizamos o I Simpósio de Metapsicologia da SPPA. A realização desta atividade foi organizada em torno de dois temas, para os quais contamos com a colaboração de quatro qualificados debatedores. Assim, na noite do dia 17, os psicanalistas Carlos Gari Faria (SPPA) e Ignácio Paim (SPB-dePA) apresentaram o tema: A Contextualização da Metapsicologia na Obra de Freud. No dia seguinte, contamos com a participação dos psicanalistas Luiz Carlos Mabilde e Roaldo Machado (SPPA), apresentando Narcisismo e Pulsão.

O objetivo, plenamente alcançado, era estimular a discussão e o debate. Para isso, após esta última apresentação, o grande número de participantes foi dividido em quatro grupos de discussão, coordenados pelos debatedores, onde discussões e questionamentos foram levantados. No último momento, voltamos à plenária, quando um relator de cada grupo apresentou as respectivas questões, que foram então discutidas pelos quatro debatedores. Fazendo uma síntese das palavras dos debatedores e das avaliações dos participantes, podemos, resumidamente, dizer que este Simpósio inaugural de Metapsicologia foi um privilégio. Caracterizou-se como uma atividade repleta de significados, instigadora de acaloradas discussões. Como lembrou Ignácio Paim, quem sabe, ao estilo das reuniões de quartas-feiras, na Bergasse 19: confraternizando e dialogando. A sensação que os quatro debatedores transmitiram e a plenária assim sentiu, foi de um momento produtivo, onde puderam ser contempladas as várias leituras do texto freudiano, podendo um escutar o outro na sua singularidade. Outra razão para o sucesso deste Simpósio, ressaltada pelos participantes, foram os temas Narcisismo e Pulsão. Lembra Roaldo Machado, que embora estes conceitos estejam presentes na obra de Freud em praticamente toda a sua extensão, são fundamentais para a psicanálise contemporânea. Alicerçam todos os avanços que nossa ciência tem conquistado.

A dinâmica de trabalho, mais do que



“Compartilhar semelhanças e diferenças com os colegas Gari, Mabilde e Roaldo, conjuntamente com a plenária, foi um momento extremamente positivo. O simpósio de metapsicologia da SPPA conquistou sua perene inscrição, como fórum de discussão, sobre os fundamentos da psicanálise”.

Ignácio Paim

respostas, produziu perguntas. Isto se evidenciou muito fortemente nos pequenos grupos, dando uma amostra de um trabalho fértil, instigante, ousado, onde pudemos pensar e fantasiar a metapsicologia. Usando as palavras de Ignácio Paim: “Neste fantasiar especulamos, algumas respostas, sobre

o lugar da metapsicologia - na teoria e na clínica - de Freud ao nosso tempo”. Fazer trabalhar o legado centenário de Freud, transitando entre a paixão e a razão, é um grande desafio”. Desafio que segundo a opinião geral e reforçada pelas palavras de Carlos Gari Faria e Luiz Carlos Mabilde, foi alcançado com êxito, abrindo espaço para reflexões estimulantes, conjuntivas e disjuntivas.

Para concluir, usaremos os depoimentos do colega da SPBdePA, Ignácio Paim: “Compartilhar semelhanças e diferenças com os colegas Gari, Mabilde e Roaldo, conjuntamente com a plenária, foi um momento extremamente positivo. O simpósio de metapsicologia da SPPA conquistou sua perene inscrição, como fórum de discussão, sobre os fundamentos da psicanálise”. E acrescentamos, com o depoimento dos três debatedores da “nossa casa”, a SPPA: A aproximação com a nossa co-irmã, a Sociedade Brasileira de Porto Alegre, através da presença do colega Ignácio Paim, profundo conhecedor da obra de Freud, brilhou nosso debate e inaugurou uma possibilidade de abertura e troca que enriqueceram nossa atividade e nos faz desejosos de que, a partir deste, novos encontros desta natureza possam ser promovidos.

O mal-estar de viver em tempos acelerados

Eleita em 2015, a 3ª jornalista brasileira mais admirada do país, Eliane Brum é também escritora e documentarista. Tem seis livros publicados e dois documentários. Ganhou mais de 40 prêmios nacionais e internacionais de jornalismo. Atualmente é colunista do jornal El País, nas edições digitais em português e espanhol.

Gaúcha, hoje morando em São Paulo, gosta de dizer que é uma “escutadeira”. Foi escutando histórias de pessoas que nunca tiveram voz que tornou-se respeitável em todo o país. Em um de seus mais impactantes trabalhos, esquadrinhou a vida e os sentimentos de pacientes terminais da Enfermaria de Cuidados Paliativos do Hospital do Servidor Público de São Paulo. Sem fugir da polêmica, ela defende que mais importante que tentar driblar a morte, é cuidar da vida e do doente. E foi sobre vida, dignidade, humanização e a “coisificação” do homem, que o Jornal da SPPA conversou com Eliane Brum
As suas reflexões estão na entrevista abaixo:

Jornal da SPPA: Como combater, em todos os campos, jornalísticos ou não, a “coisificação do homem”?

Eliane: A “coisificação” está ligada à “alienação”. E a alienação tem se dado de várias maneiras ao longo da história do Ocidente. Neste momento histórico acho que, entre tantos desafios relacionados à alienação, temos de encontrar formas de resistir ao tempo acelerado, a este viver num tempo em que um humano não suporta. Parece já não haver mais tempo para viver as experiências. Elas ficam para trás sem que tenhamos conseguido elaborá-las, senti-las, apalpá-las. Em lugar de experienciar, temos vivido por espasmos, permanentemente excitados por superficialidades. Um espasmo, seguido por outro e seguido por outro ainda. O cotidiano como uma sequência de espasmos, fazendo com que os anos já não terminem nem acabem, apenas se emendem um no outro. Os dias como uma vertigem com barulho demais, uma ilusão de acontecimento. Os dias, anos, meses, uma vida, como um continuum de som e de fúria, mas com muito pouco movimento real.

E quanto não suportamos, porque não é possível suportar essa aceleração em que toda experiência possível é a da velocidade, passamos a medicalizar a vida, como se o problema fosse algo da nossa química cerebral. Assim, temos nesta época uma legião de dopados, legalmente dopados. As drogas não mais usadas para expandir a consciência, mas para anestesiá-la. O mal-estar, que é o que nos avisa de que não é possível viver num tempo acelerado, é silenciado com medicamentos de uso cada vez mais massivo. Como já escrevi, sou uma defensora do mal-estar. Não o que paralisa, mas o que nos leva a fazer um movimento, romper com a alienação. Não me preocupo com aqueles que sentem mal-estar, estes estão vivos. Fico preocupada é com as pessoas que saltitam alegres e contentes, como carneiros de desenho animado, neste mundo, nesta época. Silenciado o mal-estar com drogas legais, há uma massa de zumbis – e talvez por isso as séries e filmes de zumbis façam tanto sucesso. Continuando no campo da ficção, que tanto diz de cada época, minha geração cresceu com livros e filmes de robôs que desejavam ser humanos. Bem, hoje conseguimos uma façanha: os robôs já não nos invejam mais.

O mal-estar, que é o que nos avisa de que não é possível viver num tempo acelerado, é silenciado com medicamentos de uso cada vez mais massivo.

Eliane Brum, jornalista, escritora e documentarista

Mas há que resistir. Gosto muito de uma frase do professor Antonio Candido, quando ele diz: “Tempo não é dinheiro. Dizer que tempo é dinheiro é uma brutalidade. Tempo é o tecido das nossas vidas”. Para nos desalienar é preciso se reapropriar do tempo, dar o tempo da experiência, o tempo do vazio, o tempo do silêncio, o tempo do não saber, o tempo da perda, o tempo da contemplação. Ao nos iludirmos de que somos imprescindíveis ao outro, deixando o celular ligado 24 horas, ao ficarmos todo o período de vigília conectados nas redes sociais, supostamente presentes e disponíveis, perdemos a noção do que é urgente, do que é importante para nós. Perder o sentido do que é relevante numa vida é muito triste. Permitir que nos alienem daquilo que é tudo o que temos – o tempo – é uma tragédia a que temos nos entregado alegremente. É preciso encontrar formas de resistência e combater a corrosão do tempo, que é justamente a corrosão da vida. Me parece que a reapropriação do tempo, como algo muito mais precioso do que dinheiro, é um ato de resistência urgente e profundo para resgatar nossas almas corrompidas por uma vida espasmódica.

Jornal da SPPA: Um dos objetivos da psicanálise é resgatar, de alguma forma, a dignidade do paciente. Como vê isso, já que em um dos seus principais trabalhos abordou esta questão?

Eliane: Acho que preciso começar a responder dizendo que eu combato a palavra “paciente”. Como a etimologia da palavra mostra, “paciente” vem do latim *patientia* – “virtude que consiste em suportar os sofrimentos sem queixa”. Assim, acho que a psicanálise lida não com pacientes, mas com pessoas, que têm uma história, um percurso, uma tessitura de sentidos. Não é uma diferenciação banal, de alguém mal-humorada, como pode parecer à primeira vista. O uso da palavra “paciente” para definir os que precisam de cuidados de saúde física e mental, seja no sistema público ou privado, está intimamente ligado ao tratamento de pessoas como objetos de intervenção a mercê das decisões do médico, que tem autoridade sobre

os corpos. Me parece que a luta pela humanização passa por essa reflexão.

Como jornalista, me considero uma “escuta-deira”. O que eu busco, para além das diferenças entre os temas aos quais me dedico, é compreender como cada um inventa uma vida, em geral nu e com tão pouco. Como cada um cria sentidos, no plural. Vejo a vida como uma constante criação e recriação de sentidos, em que precisamos estar sempre atentos para quebrar a primeira certeza, tão logo ela apareça e antes que ela se torne cimentada, asfixiando as possibilidades em nós. Me movimento pelas dúvidas e, escutando o outro, tento compreender como ele se decifra, como inventa uma vida.

Jornal da SPPA: No artigo 1º da Declaração Universal dos Direitos Humanos está colocado que: “Todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotadas de razão e consciência e devem agir em relação umas às outras com espírito de fraternidade”. Por que isso é tão difícil de ser colocado em prática?

Eliane: Neste momento histórico, ao qual prefiro me ater, há algo novo que é muito interessante. Acho que a internet, ao tirar a ilusão sobre a humanidade, sobre nós mesmos, nos deu algo importante, ainda que muito duro de lidar. Descobrimos nas redes sociais que aquele vizinho simpático, com quem falávamos amenidades no elevador, é um homofóbico ou um racista. Também descobrimos algumas coisinhas sobre nós mesmos. Quando tivemos uma espécie de “(auto) autorização para dizer tudo”, o que escolhemos dizer? Isso não vale só para o outro, vale para cada um. Ainda estamos recém começando a compreender como essa exposição do que é do humano impactou o nosso cotidiano e a nossa percepção da realidade e de nós mesmos.

Diante do ódio e da verdade única, da impossibilidade de escutar o outro, que é o que temos testemunhado, quando não participado, acho que precisamos urgentemente resgatar a política. A política no seu sentido mais amplo, a política como uma das grandes criações do processo civilizatório. Política como a possibilidade de estar com o outro no espaço público. Política como diálogo entre os diferentes. Política como aquilo que permite estar junto sem ser igual.

Jornal da SPPA: “Se você agir sempre com dignidade, pode não melhorar o mundo, mas uma coisa é certa: haverá na Terra um canalha a menos”. Pode a ironia do Millôr Fernandes ser a verdade que vivemos todos os dias?

Eliane: Acho que essa frase, para além da ironia, fala de muitas coisas, e também de cada um fazer a sua parte. Botar cuidado naquilo que faz, cuidado



PINTURA DE FRANÇOISE NIELLY

consigo mesmo, cuidado com o outro. Mas, talvez, a pergunta que caberia é: qual é a parte de cada um? É suficiente sermos apenas corretos, num mundo em que tantos não têm essa escolha? Basta “fazer tudo certo” pra deixar de ser canalha? O que significa, afinal, “agir com dignidade”, no atual contexto? No miúdo do nosso cotidiano, penso que nossos dias são decididos em pequenos gestos. Às vezes um desconhecido que nos trata com gentileza na padaria ou na repartição pública onde tínhamos certeza que iríamos nos incomodar é suficiente para o dia mudar para melhor. Ou alguém que nos escuta, ou alguém que escutam, a produção de um encontro real entre desconhecidos num ponto de ônibus. Nem sabemos às vezes porque estamos mais contentes, esquecidos de que foram pequenas gentilezas, quase despercebidas, que teceram um dia mais luminoso. E por nos sentirmos melhor, também nossos gestos são mais generosos. Essa cadeia de desacontecimentos é poderosa.

Combater a banalização do olhar, para ser capaz de enxergar as pequenas delicadezas em nós e nos outros também é um ato de resistência. E um bem difícil de fazer, já que é preciso duvidar das nossas rotinas, daquelas que nos fazem nos acostarmos com o que jamais poderíamos nos acostumar, e invisibilizar os mesmos de sempre, pelos quais passamos sem ver. Essa resistência passa por duvidar do que parece já dado também no nosso cotidiano, porque nada já está dado ou deveria estar. E duvidar é um exercício bem exaustivo.

Me parece importante, também, vestir a pele do outro. E isso passa por vestir o mais difícil, a pele daquele cujo nosso primeiro ímpeto é renegar, para saber como é estar no seu corpo. E quanto

mais náusea ele nos causa, mais importante é vestirmos a sua pele, porque este é o movimento que provoca mudança. Acho complicado quando nos colocamos, como se tornou comum nos dias atuais, como “pessoas do bem”. Acho que “pessoas do bem” às vezes fazem muito mal. E o problema com os “canalhas” é que eles são sempre os outros.

Jornal da SPPA: Caminhar em direção da dignidade e da humanização, que são indissociáveis, é algo que devemos lutar constantemente. Isto pode gerar um antídoto mais ou menos eficaz na diária batalha contra a maldade, a violência, a perversão e o desamor entre os homens?

Eliane: Acho que vivemos momentos muito limites e extremos, não só no Brasil como no mundo. Não há mais tempo para conversas de salão, para tergiversar, para fazer de conta que discutimos quando o que muitos querem é deixar tudo igual. Se queremos reduzir a violência, e agora falo explicitamente do Brasil, vamos ter que aprender a perder. Não haverá dignidade nem humanização enquanto não enfrentarmos a desigualdade e o racismo, umbilicalmente ligadas no país. E para enfrentar desigualdade e racismo é preciso que os brancos compreendam que vão precisar perder privilégios. Inclusive, como disse um jovem negro num debate sobre racismo, em São Paulo, “perder o privilégio de não ter que pensar nos seus privilégios”. Sem isso, não adianta falarmos sobre dignidade e/ou humanização, porque não haverá nenhuma nem outra. Como diz a atriz Roberta Estrela D’Alva: “Se a paz não for para todos, ela não será para ninguém”. A questão, crucial, deste momento no Brasil, é o quanto estamos dispostos a perder para estar com o outro.

O Cinema de Tarantino no Divã



Cristiano Frank, Laura Meyer, Nyvia Sousa,
Carla Brunstein, Ana Cristina Pandolfo e Jorge Almeida

O cinema como expressão artística atinge o espectador para além das vias sensoriais, com imagens e sons de impacto estético. Sob esse foco, a cinegrafia de Quentin Tarantino merece destaque especial. Temas como a banalização da violência e das relações pessoais são expostos, mobilizando-nos através do bizarro e caricato extremo, gerando um impacto muitas vezes no limite do suportável.

Pensar psicanaliticamente o cinema de Tarantino leva-nos à necessidade de considerar a maneira como conta suas histórias, o manejo das formas de expressão, a influência dos aspectos culturais e ideológicos que representam uma oposição ao cinema convencional contemporâneo. (Baptista, 2010).

Tarantino deixa claro seu prazer estético na representação da violência, como nos filmes de artes marciais e ao misturar o filme de crime americano com a releitura de policiais, western e filmes de horror, e assim recicla o passado ao percorrer cinco décadas de cinema.

Entrar em contato com o mundo de Tarantino através de seus filmes é uma experiência instigante, inclusive no sentido da construção do “personagem” Tarantino que aos poucos criamos em nossas mentes, pois ele aparece na maioria dos filmes, como ator ou através da marca/carimbo inconfundível do seu estilo.

O cinema como arte pode ser compreendido como uma busca por traduzir, ligar, dar sentido ao que se encontra cindido, ou mesmo sem sentido. Mais do que representar o reprimido pode oferecer espaço para a construção do potencial de representar, de sair do conforto previsível e trabalhar mentalmente o não representado. A arte como sublimação configura um espaço potencial que traz consigo o humano, o estranhamente familiar ali representado, fazendo com que o reprimido encontre uma forma de expressão.

Transitamos entre uma ideia, de que Tarantino tenha intencionalidade - inconsciente - em sua proposta, com uma estética desalienante e outra, na qual a obra seria um sintoma, um meio de expressão, um representante da cultura.

Ao assistirmos alguns dos filmes de Tarantino, desacomodamo-nos e amparados compartilhamos experiências e sensações na sala de cinema, com algum grau de diferenciação do que está em cena, embora em muitas ocasiões sejamos invadidos por ela.

O início de sua carreira foi fortemente marcado pela presença dos aspectos mais primitivos, com a violência como personagem principal. Quando questionado a respeito, comenta: “se você realmente me conhecesse, você ficaria surpreso com o quanto os meus filmes falam de mim”. Ao se referir ao ambiente no qual cresceu, diz: “Se eu não tivesse amado tanto os filmes e desejado ser um ator, eu poderia ter sido um criminoso. Me atraía muito aquele modo de vida” (Tarantino, 1998)

Tarantino foi o que poderíamos chamar de um adolescente de risco, mas totalmente identificado com uma ideia: atuar e fazer cinema! Em suas palavras: “Eu não tinha interesses na escola. Eu não gostava de esportes. Eu estava em filmes e histórias de quadrinhos e revistas de monstros.” (Tarantino, 1998) Sempre fascinado por formas de expressão cultural, com conteúdo extremamente violento e sexualizado. Foi criado por uma mãe adolescente, que deu à luz aos 16 anos e que estimulou o filho a ser forte e capaz. Segundo ela, viviam em uma Disneylândia. Ela amava cinema e levava o filho junto para assistir aos filmes que via com o padrasto. Aos nove anos assistiram juntos *Deliverance*, e ele ficou impactado com uma cena de estupro de um homem. Depois disso nunca mais foi acampar e, quando adulto, referiu-se a isto na cena do estupro masculino em *Pulp Fiction*.

Outro exemplo de como as influências da infância aparecem em seus

filmes, está na resposta que deu, quando perguntado sobre o nome da mãe na escola. Disse ser Modesty Blaise, personagem de quadrinhos que virou filme nos anos 60, uma heroína no estilo James Bond. Esta mesma personagem é a heroína da revista que John Travolta está lendo no banheiro antes de sair e ser metralhado por Bruce Willis em *Pulp Fiction* (Bernard, 1995).

Não há dúvida de que a relação com a mãe teve mais significado emocional do que qualquer relação dele com uma figura paterna. Então podemos pensar que havia a mãe e o cinema, sentido por Quentin como aquele que estava no lugar do pai.

Filmes e roteiros foram uma necessidade de Tarantino, um modo de lidar com os conflitos e ansiedades do desenvolvimento, sua brincadeira terapêutica. E assim começamos a entender o “Fenômeno Tarantino” e como ele ressoa em nós. A arte incorpora, simboliza e evoca no receptor certa espécie de emoção arcaica, pré-verbal (Segal, 1993). E nós, no cinema, somos os receptores.

Tarantino cria em forma de associação livre, o sonho que apresenta trata do humano em nós. Assistimos os aspectos primitivos personificados nos atores. Identificamo-nos com o que verte do inconsciente do diretor, e esta identificação coloca-nos dentro do filme e permite-nos gozar aspectos primitivos, aspectos destrutivos inerentes a todos os seres humanos.

Em *Bastardos Inglórios*, Tarantino cria uma situação hipotética na qual concebe novo destino à humanidade, exterminando a cúpula do nazismo. O filme se desenrola fora da lógica habitual, em um outro tempo, afinal de contas a segunda guerra já passou. Seria o tempo do inconsciente? Onde mantemos vivas as ansiedades mais primitivas?

Várias são as reações aos filmes de Tarantino, de certa forma podemos pegar “carona” com os personagens ao nos identificarmos com eles, algozes ou vítimas. Realizando aquilo que talvez nem em sonhos nos permitíssemos fazer. Podemos “realizar” matanças e destruições identificados com os personagens, saindo do cinema mobilizados, mas não culpados.

Freud (1930) em *O Mal Estar na Civilização*, escreve que parte da pulsão de morte é desviada para o mundo externo através da agressividade e destrutividade, uma inclinação inata do ser humano para a crueldade. E a arte nos ajudaria a lidar com este potencial de destruição, o que nos leva a arriscar um pedido aos seres humanos: mais Tarantino, menos Iraque!

O cinema de Tarantino parece instigar a ambivalência inerente ao homem de nosso tempo. Se por um lado, nas cenas que apresenta, expõe, por outro impõe? Se provoca pensamento, também faz não querer pensar? Se liberta, na mesma medida, oprime, reprime?

Cinema e biografia, criação e criador, tal qual figura/fundo mesclam-se e conferem sentido e marca únicos. Quentin e o cinema de Tarantino encontram-se em alguma das esquinas de Los Angeles, da Alemanha da Segunda Guerra, do sul dos Estados Unidos escravagista. O menino e o cineasta encontram um caminho diferente, um ampara o outro. Um dá sentido e significa o outro. Produzem, criam e permitem que, em alguns momentos, também possamos nos encontrar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Baptista, M. (2010). *O cinema de Quentin Tarantino*, Campinas, SP: Papirus.
Bernard, J. (1995). *Quentin Tarantino: the man and his movies*, New York - USA: Harper Perennial, 1995.
Freud, S. (1930). *O Mal Estar na Civilização*. In Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Vol. 21, pp.73-171), Rio de Janeiro: Imago, 1974.
Tarantino, Q. (1998). *Interviews / edited by Gerald Peary*, United States of America: University Press of Mississippi.
Segal, H. (1993). *Freud e a Arte em Sonho, Fantasia e Arte*. (pp. 85-94), Rio de Janeiro: Imago.

Parceria SPPA/Smed

Entre a liberdade e a violência - compartilhando experiências

No final de 2014, numa reunião de planejamento da parceria Secretaria Municipal de Educação (Smed) e a Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA), foi noticiado o fato de que uma educadora de escola infantil havia agredido alunos na "hora do sono", atirando-os sobre colchonetes como sacos de batatas e gritando ameaçadoramente com eles. Colegas da educadora filmaram a cena e esta foi imediatamente expulsa da escola.

À reação indignada do grupo somou-se, ainda, outra surpresa – a descoberta de que a mesma educadora havia participado de uma das rodas de conversa daquele ano.

Decorreram desta experiência inúmeros questionamentos na busca de compreender como esta violência pôde não ser percebida por nós.

Sendo a escuta nosso mais legítimo instrumento de trabalho, o que poderia ter escotomizado esta percepção?

A banalização ou naturalização da violência banalizaria também nossa escuta da mesma?

Haveria um acordo inconsciente ou mesmo tácito, de se dissociar a violência do todo, identificando-a fora do grupo nos pais negligentes, nos traficantes da região e noutras instâncias depositárias dessas projeções?

Diante das perguntas que se multiplicavam em meio à atmosfera de perplexidade, concluímos que era hora de acolher a violência e decidimos, em acordo com a SMED, tomá-la como objeto tema da capacitação de 2015 através da proposta "Entre a liberdade e a

violência: o cotidiano nas escolas de educação infantil".

Também ficou definida nossa participação no XXX Congresso da FEBRAPSI, realizado em outubro de 2015, com a apresentação do relato desta experiência.

Quanto às considerações no congresso, particularmente sobre o relato, foi questionado o fato de ter sido a educadora expulsa da escola, não podendo mais participar das rodas de conversa, o que demonstra a tendência de expulsar o mal para "construir a paz" e não de acolher a violência para transformá-la a partir da atribuição de significados.

Foi reiterado que caberia a nós, agentes de cuidados, acolher a "loucura" da educadora, procurando traduzir junto ao grupo seu ato de violência como possibilidade presente em cada um de nós e buscando produzir pensamentos reparadores e transformadores.

Destaca-se que nesta última gestão da FEBRAPSI, correspondente ao período de 2013 a 2015, foi dado um espaço privilegiado para discussão de trabalhos como o da parceria SMED/SPPA.

SPPA/Projeto Pescar

Possibilidades de aplicações da psicanálise em adolescentes vulneráveis

A parceria SPPA/Pescar surgiu após o evento "SPPA de Portas Abertas", uma atividade vinculada à FEPAL. O Projeto Pescar provém da iniciativa privada e funciona vinculado a empresas, em diversas sedes. Seu objetivo é capacitar jovens em situação de vulnerabilidade para o ingresso no mercado de trabalho. Os jovens acolhidos devem, necessariamente, frequentar escola no turno inverso às aulas do Pescar, cujo trabalho consiste no acompanhamento pedagógico sistemático de uma equipe técnica que oferece um treinamento de habilidades sociais e profissionais.

A equipe da SPPA formou-se no segundo semestre de 2013. Coordenada por Maria Elisabeth Cimenti, é também composta por Heloísa Tonetto, Ivani B. Valentini, Josênia Munhoz, Leonor Brandão, Luciana Secco e Suzana Golbert.

Uma vez por mês, a equipe vai até uma sede conveniada do Projeto Pescar para trabalho em grupo com os jovens, com seus pais e com as equipes que os acompanham. Através de diferentes

técnicas, proporciona a discussão/reflexão acerca de situações que remetem o grupo às suas angústias, dúvidas, temores ou dificuldades. Tanto os pais quanto os jovens vivem situações complexas, dificuldades que extrapolam a sua situação financeira. A despeito de suas carências, eles são esperançosos e, ávidos por assistência, mostram transformações muitas vezes surpreendentes, decorrentes do trabalho realizado. Os encontros têm sido valiosos tanto para os jovens, quanto para seus pais e para a equipe técnica: um olhar e uma escuta da qual eles carecem. Procuram aproveitar ao máximo os encontros, o que motiva a equipe de psicanalistas.

São dois anos e meio do trabalho da parceria SPPA/Pescar. A escuta fora do setting analítico padrão exige uma abertura a novos saberes, relacionados a outras áreas do conhecimento. Há, ainda, um longo caminho a ser percorrido e salienta-se a importância de estender esta prática até estes grupos sociais.

Balanço e projeções para 2016

Estamos chegando ao final de 2015 e temos muitas novidades na Revista. Foi um ano de transição, com mudanças no corpo do Conselho Editorial que aconteceram de forma planejada e tranquila.

O número 3/2015 da Revista está sendo lançado e tem como temática aquela que foi adotada no Congresso de Psicanálise da Fepal em 2014: *Realidades e ficções*. Neste número está contemplada uma série de artigos e painéis que foram apresentados no Congresso e que permitirão que os leitores desfrutem, ao menos em parte, a qualidade e riqueza do que foi vivenciado naquela ocasião.

Os três números de 2016 já estão programados, sendo que os temas escolhidos para os números 2 e 3 versarão, respectivamente, sobre *Campo psicanalítico e Corpo*. Artigos relativos aos mesmos podem ser encaminhados à secretaria da Revista e serão muito bem-vindos. Oportunamente definiremos as temáticas para o ano de 2017.

Com a finalidade de aproximação cada vez maior dos anseios do público leitor da Revista, está se estudando a realização de uma pesquisa que permita conhecer as opiniões e preferências dos assinantes, assim como suas sugestões e críticas. O objetivo é aprimorar cada vez mais o periódico no que se refere tanto à sua estrutura quanto ao seu conteúdo.

Uma última notícia diz respeito ao Ciclo da Revista na Feira do Livro deste ano, em conjunto com a Câmara Rio-grandense do Livro. Foram

realizadas duas atividades que contaram com um público expressivo e participativo, propiciando ricas discussões. A primeira, *A biblioteca como metáfora*, teve como mote os vários significados e memórias que a biblioteca pode evocar. A segunda atividade, *Caminhando contra o vento: parcerias que ficam* – um sarau em homenagem aos 50 anos de parceria entre Caetano e Gil – possibilitou ao público presente conhecer vários aspectos da história individual e da parceria entre esses dois artistas e debater sobre as características dos vínculos e da amizade. Houve muita receptividade da audiência em ambas as atividades e inclusive a sugestão de replicar a temática da biblioteca no próximo ano.

Quer assinar a revista?

ASSINATURA ANUAL:
(3 números + versão digital): R\$ 130,00

NÚMEROS AVULSOS: R\$ 50,00
CONSULTE ARTIGOS/AUTORES NO SITE: <http://revista.sppa.org.br>

FORMAS DE PAGAMENTO

DEPÓSITO/TRANSFERÊNCIA SANTANDER – BANCO 033 - AGÊNCIA 1480
CONTA CORRENTE 13000656-2

SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE - CNPJ: 92.911.304/0003-90

Solicitamos o envio do comprovante de depósito por um dos meios:

E-mail: revista@sppa.org.br - Fax: (51) 3224-3340

SPPA - Rua Gen. Andrade Neves, 14/802 - 90010-210 - Porto Alegre, RS

Encerramento das atividades 2015



Uma festa de confraternização, na Sociedade Germânia, em Porto Alegre, marcou o encerramento das atividades da SPPA, em novembro de 2015. Na oportunidade, a presidente Anette Blaya Luz homenageou os membros aspirantes que completaram os seminários.

SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE
Instituto de Psicanálise

CENTRO DE ATENDIMENTO
PSICANALÍTICO
CAP

Atendimento a adultos,
crianças e adolescentes

Informações: (51) 3224 3340 com Margareth Dallagnol

www.sppa.org.br • sppa@sppa.org.br

SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE
Instituto de Psicanálise

O Centro de Atendimento Psicanalítico (CAP) foi fundado em 1994 para oferecer tratamento psicanalítico, nos consultórios dos analistas, da SPPA, destinado a pessoas adultas, adolescentes e crianças da comunidade que não dispõem de recursos econômicos habituais para este tipo de atendimento. Mais informações podem ser obtidas pelo e-mail: instituto@sppa.org.br ou pelo telefone (51) 332-43340.

Incentivo ao desenvolvimento do pensamento clínico

A diretoria que assumiu a nova gestão da Associação de Candidatos, em Assembleia ordinária decidiu dar continuidade às atividades que já estão consolidadas e promover iniciativas que sigam incentivando o desenvolvimento do pensamento clínico.

Como novidade da Gestão 2015/2016, a AC juntamente com o Instituto da SPPA está organizando um Working Party exclusivo para candidatos. Nesta atividade, estarão presentes Claudio Eizirik e Sérgio Lewkowicz, coordenando o WP "A escuta da escuta", método de Haydeé Faimberg. Ruggero Levy e Zelig Liberman coordenarão o WP "Sobre a Especificidade da Psicanálise Hoje". E José Carlos Calich irá coordenar o WP "Métodos Clínicos Comparados". Os grupos ocorrerão simultaneamente, os colegas interessados deverão optar por um dos métodos de trabalho e se inscrever previamente, as vagas serão limitadas.

Em agosto deste ano, a AC organizou uma conversa informal entre os candidatos e o convidado psicanalista Giuseppe Civitarese, da Sociedade Psicanalítica da Itália (SPI), oportunidade em que foram esclarecidas dúvidas e curiosidades sobre a formação psicanalítica italiana, um momento dinâmico e interessante.

Na atividade "Uma conversa sobre experiência criativa", as convidadas foram Ângela Petini (escultora) e a colega Denise Bistrosky. O diálogo entre as participantes e o público proporcionou um entrelaçamento entre arte, criatividade e psicanálise.

Há algumas gestões, a AC vem incentivando a formação de grupos para escrita. Para o XXV Congresso da Febrapsi, foram elaborados dois trabalhos. Um deles intitulado "Sustentabilidade e Psicanálise" e o outro "Sonho/Ato: a representação e seus limites na formação psicanalítica". Ambos foram reapresentados na SPPA, na Quinta-Feira Científica destinada aos candidatos. E, no XXV Congresso Brasileiro de Psicanálise, o trabalho da



colega Elena Tomasel foi contemplado com o Prêmio Virginia Bicudo.

Para 2016, além do incentivo da AC na escrita de trabalhos, a Fepal e a Ocal estão destinando verbas a todos os candidatos que inscreverem os seus trabalhos para o 31º Congresso da Fepal, que ocorrerá em Cartagena (Colômbia), entre 13 e 17 de setembro e abordará a temática do corpo.

Agendem-se para o X Simpósio Interno Integrado que ocorrerá em março de 2016! A criatividade e a espontaneidade da escrita analítica têm sido marca do evento, que além de cativar cada vez mais participantes também gera a produção dos Anais. É neste clima de produtividade científica que a diretoria da AC aproveita para dar as boas vindas aos novos candidatos.

Para finalizar, a AC agradece aos colegas que participam das atividades e que sempre ajudam a aprimorar o trabalho com ideias criativas. Além disso, a diretoria destaca que a AC é um espaço do e para o candidato, e que com a participação de todos pode-se cada vez mais ampliar o escopo de atividades.

Infância e Adolescência

Notícias do NIA

O Núcleo da Infância e Adolescência da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre realizou o XVII Simpósio de Psicanálise da Infância e Adolescência junto com o III Encontro de Observação da Relação Mãe-Bebê entre 21 e 23 de maio de 2015. O tema do simpósio foi: Criatividade e Simbolização: Funções estruturantes no bebê, na criança e na adolescência.

A Dra. Nilde Parada Franch, convidada do NIA, abordou autores clássicos. Tivemos também, a contribuição de Houzel, Grotstein e Golse para o entendimento deste tema.

O Psic. Victor Guerra, também convidado, apresentou seu filme: Os indicadores de inter-subjetividade de 0 aos 12 meses, mostrando muitos aspectos da relação dos pais, ou cuidadores, do nascimento do bebê até um ano de idade. Apresentou sua concepção de transtorno de estruturação arcaica e a diferenciou do transtorno do espectro autista. Sublinhou a tirania da visibilidade e o culto da urgência, ambos marcas culturais importantes do momento atual, por prejudicarem a formação

dos vínculos que favoreçam a estruturação de um self coeso.

O Núcleo da Infância e Adolescência deu continuidade às reuniões mensais da quarta-feira com ênfase na apresentação de casos clínicos. Introduziu, também, contribuições teóricas importantes para a compreensão do desenvolvimento do mundo interno de crianças e adolescentes, como o trabalho apresentado pela Dra. Maria Helena Mariante Ferreira sobre os aspectos neuropsicológicos do desenvolvimento. Ainda dentro desta abordagem, tivemos o trabalho Tarantino no divã, uma contribuição de Ana Cristina Pandolfo, Carla Brunstein, Cristiano Frank, Jorge Almeida, Laura Meyer e Nyvia Sousa.

A reunião semestral ocorreu em 12 de novembro trazendo um novo tema para reflexão: A psicanálise dos vínculos de família e casal, apresentado pela Dra. Carmem Keidann.

A presente comissão dirigida pela Dra. Maria Lucrecia Scherer Zavaschi encerrará seu trabalho em janeiro de 2016 muito satisfeita com as realizações alcançadas.

A Psicanalítica na Cultura

Ao longo do tempo, a SPPA tem se caracterizado por ampliar os fóruns de debate com a comunidade, não só para mostrar seu ponto de vista, mas para ouvir outros vértices que ajudam a pensar o humano. Estes encontros podem ocorrer tanto na sede da instituição, quanto nos vários espaços disponíveis na cidade em que há a possibilidade de um tempo para a reflexão que enriquece a todos mutuamente.

Em 2015 seguiram-se as tradicionais atividades do Café Literário toda segunda terça-feira de cada mês, o Psicanálise em Cena que ocorre durante o Porto Alegre em Cena, o Ciclo da Revista da SPPA na Feira do Livro, assim como as parcerias com a Liga de Psiquiatria e Saúde Mental da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre e com a Ordem dos Advogados do Brasil.

A SPPA inaugurou este ano uma parceria com o Instituto Ling, instituição que se caracteriza por seu estímulo às várias formas de expressão cultural, e que tem se mostrado aberta e interessada no diálogo com a Psicanálise. Em agosto, o colega Juarez Guedes Cruz, ofereceu o curso “Conversando com amigos de Freud”, em que debateu sobre 10 livros escolhidos por Freud, segundo o Juarez “aqueles livros com os quais nos relacionamos do mesmo modo que com bons amigos aos quais devemos algo do

Atividade analisou paralelos, ressonâncias e dissonâncias entre Fotografia e Psicanálise



nosso conhecimento da vida”.

A seguir, em outubro, ocorreu o debate “Psicanálise e Fotografia”, atividade coordenada pela colega Luciane Falcão e que teve como debatedores o fotógrafo Fernando Ricardo e o colega Sérgio de Paula Ramos. A busca de paralelos, ressonâncias e dissonâncias entre Fotografia e Psicanálise, bem como a apresentação de belas/dolorosas fotos clicadas pelos dois convidados deram o tom do enriquecedor encontro. O sucesso de ambas as atividades, que contaram com grande interesse do público

Atividades como o Café Literário levam o pensamento da SPPA para espaços fora da instituição



Ciclo da Revista na Feira do Livro

participante, estimulam a manutenção desta parceria para novos encontros no próximo ano.

O interesse pelas ideias dos psicanalistas da SPPA também pôde ser observado nas atividades realizadas na sede destinadas aos colegas que trabalham na área Psi. Destaca-se a grande procura para a vinda do Dr. Giuseppe Civitarese, em agosto, e para o I Simpósio de Metapsicologia, em setembro. A procura de colegas de fora da SPPA, muitos estudantes e jovens psicoterapeutas, nos evidencia o espaço que as ideias da Psicanálise encontram no meio e estimula os organizadores para seguir pensando formas de frutificar esses encontros com a comunidade.

Curso debateu dez livros escolhidos por Freud

